

MEMÓRIA E HISTÓRIA: o cemitério como espaço para educação patrimonial¹

ALMEIDA, Marcelina das Graças de*

1 INTRODUÇÃO

1.1 O cemitério e a cidade: história e memória

Belo Horizonte foi inaugurada em 12 de dezembro de 1897. Aparentemente é uma jovem metrópole, porém é portadora de uma peculiar e reveladora história. Construída a partir dos pressupostos modernos, condicionados ao final do século XIX, carrega os traços de modernidade, dos novos tempos e valores que a mentalidade no *fin-de-siècle* característicos daquela época. Ao tornar-se objeto de estudo e investigação a cidade fornece ao pesquisador um imenso e multifacetado acervo para análise e compreensão. Uma cidade pode ser lida de muitas maneiras e, desta leitura Belo Horizonte não escapa. Os lugares, equipamentos urbanos, os habitantes e o modo como se relacionam com o ambiente podem se constituir um problema a ser confrontado e dissecado. É a partir deste viés que se elege o cemitério como tema de pesquisa, neste caso, o Cemitério do Nosso Senhor do Bonfim. Um espaço revelador da vida social, cultural e política da cidade. Construído e inaugurado na mesma ocasião que a capital, o cemitério relata através de seus túmulos, lápides e mausoléus, uma parte significativa da capital.

Erguido fora do perímetro urbano o cemitério absorveu, em seu projeto e concepção, o imaginário da cidade a que estava destinado servir. O planejamento de sua localização implicava, também, projetar sua linguagem estética e arquitetônica. Para isto a equipe de arquitetos e desenhistas da Comissão Construtora da Nova Capital elaborou projetos que definiam os aspectos básicos do local, desde o portão principal, casa do zelador e necrotério.

¹ Este artigo é parte do relatório entregue à Fundação de Parques Municipais, FPM e **Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais**, FAPEMIG foi apresentado durante o evento VI Fórum Mestres e Conselheiros Agentes Mutliplicadores do Patrimônio. Belo Horizonte, 04 a 06 de junho de 2014.

* Doutora em História, docente ED/PPGD/UEMG, Bolsista BPO/PAPq, 2013,2014 e 2015 e docente no Centro Universitário Estácio de Belo Horizonte-Estácio BH



Trabalharam nos projetos o eminente José de Magalhães (1851 - 1899) chefe da Seção de Arquitetura da mencionada comissão, além de outros profissionais talentosos que deixaram seu registro em vários espaços da capital mineira.

O cemitério é um lugar privilegiado para se entender uma cultura. Através da arquitetura, escultura e artes decorativas cristalizam-se elementos simbólicos que, quando interpretados, permitem uma compreensão da sociedade na qual estão inseridos. Esta leitura da sociedade belorizontina pode ser feita tomando o cemitério como ponto de referência. Como parte do projeto republicano - positivista dentro do qual a capital mineira foi idealizada e erguida, representou rupturas decisivas numa sociedade tradicionalmente calcada na religião. Estas mudanças que se concretizam no século XIX configuram-se como resultantes de um processo de laicização da sociedade ocidental que, teve início, no século XVIII, a partir dos debates iluministas que ganham volume e densidade com a Revolução Francesa e, finalmente se cristalizam em ações concretas nos oitocentos.

O Cemitério do Nosso Senhor do Bonfim é considerado um cemitério oitocentista tardio e, conseqüentemente, nasce como resultante de todas as discussões que haviam se realizado no tocante à secularização dos espaços fúnebres, dos costumes e das sociedades. Até a década de 40 foi o único cemitério da capital. Todos eram nele sepultados. O traçado arquitetônico do cemitério obedece ao traçado geométrico da cidade. É composto por 54 (cinquenta e quatro) quadras divididas entre duas alamedas principais e diversas ruas secundárias. A parte central do cemitério é uma praça redonda ajardinada, tendo a imagem de Cristo, o Sagrado Coração, esculpida em bronze. Neste local está sepultado Otacílio Negrão de Lima (1897-1960), ex - prefeito de Belo Horizonte, à esquerda da praça, distando cinco quadras, encontra - se o prédio do necrotério. Trata - se de um prédio pequeno, construído dois anos antes da inauguração do cemitério. É o único bem tombado pelo patrimônio histórico naquele espaço. Predominam nas quadras localizadas nas alamedas principais os mausoléus, as capelas e sepulturas mais requintadas construídas com material nobre, muitas delas importadas de São Paulo, Rio de Janeiro e até mesmo do exterior. A maioria dos túmulos que ocupam estas quadras pertence às famílias influentes e importantes da capital mineira, bem como os túmulos - monumentos dedicados à nobreza política do Estado de Minas Gerais. Nas quadras mais afastadas da parte central e das alamedas encontramos sepulturas mais simples, destituídas de atributos e alegorias suntuosas.

Nestes mais de cem anos de existência paralela à cidade dos vivos, a cidade dos mortos atravessou fases que acompanham as mudanças pelas quais sua parceira também vivenciou. Desde sua inauguração até a década de 30 é possível identificar uma variedade de túmulos que exploram os recursos estilísticos da época, o *art nouveau*, a influência francesa se faz sentir na decoração tumular importada do Rio de Janeiro, São Paulo e exterior, em alguns casos até mesmo a exploração de matéria - prima local. A utilização do bronze é mais perceptível a partir da década de 40, momento em que a massificação e a repetição de alegorias, imagens e símbolos predominam na escultura funerária. Nas décadas seguintes o fabrico tumular perdeu em qualidade artesanal e até mesmo em virtude da mudança de valores estéticos, sociais e mentais a opção por túmulos rebuscados foi se perdendo.

Na contemporaneidade não é hábito investir na confecção de túmulos grandiosos, predomina a lápide de granito com o nome do falecido e às vezes uma cruz encimando a cabeceira da lápide. Na realidade a opção é pelo afastamento em relação a este tipo de cemitério. A maior parte dos habitantes da capital prefere o sepultamento em outros espaços e em razão disto muitas sepulturas estão abandonadas, algumas semi - destruídas, revelando não apenas uma mudança de concepção mental em relação à morte e o morrer, mas também um desprezo em relação à história, memória e preservação do patrimônio cultural da capital. As opções em relação aos espaços da morte foram ampliadas na capital mineira a partir da década de 40 e a preferência por ambientes “menos carregados” de imagens e lembranças fúnebres está mais de acordo com a concepção que se possui da morte nos momento atuais².

² Em 1941 o Prefeito Juscelino Kubitschek (1902-1976) inaugurou o Cemitério da Saudade situado na Rua Juramento s/ n. no bairro que leva o mesmo nome do cemitério. Este ainda mantinha características semelhantes às do Bonfim. Em 1967 a prefeitura entregou aos moradores o Cemitério da paz, já adotando as características de cemitério-parque, sem túmulos tradicionais, alguns anos adiante o Cemitério da Consolação situado às margens da Estrada Velha para Santa Luzia era concluído. Estes são administrados pelo poder público. No início da década de 70 foi inaugurado o primeiro cemitério - parque de luxo da capital, o Parque da Colina, construído dentro de linhas modernas, eliminava os túmulos de grande proporção, objetivando transmitir “amenidade” e “paz”. Localiza - se no bairro Nova Cintra. Temos, também, o Cemitério Israelita situado no bairro Jaraguá e desde a década de 80 o Cemitério Bosque da Esperança localizado às margens da Estrada Velha para Santa Luzia. Trata - se na atualidade de espaço para os mortos com características extremamente modernas e preferido por aqueles que possuem recursos para nele serem sepultados. É interessante observar que se contrapõe ao primeiro cemitério da capital até mesmo em relação ao nome. Enquanto o “Bonfim” faz alusão à morte como um fim, um ponto final, ainda que bom, entretanto o Cemitério Bosque da Esperança acena para a possibilidade de vencer a morte através da esperança, questão que é pertinente ao mundo contemporâneo no qual a medicina dotada de avançados recursos torna a morte um inimigo menos perigoso em relação o que foi no passado.



Entretanto o Cemitério do Bonfim se destaca no cenário da cidade pela sua arquitetura, arte e história. Trata-se de um espaço significativo para se compreender Belo Horizonte e a educação patrimonial e ações de sensibilização da população acerca desta importância é uma ação pertinente para a preservação da memória e do patrimônio material e imaterial que compõe o acervo do espaço fúnebre. E é refletindo sobre este potencial que visitas de pesquisa são realizadas no cemitério e, tornaram-se, desde junho de 2012 um projeto extensionista, voltado para atender a população em geral.

2 CEMITÉRIO DO BONFIM: ARTE, HISTÓRIA E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

O cemitério do Bonfim para além do cumprimento de suas funções habituais ligadas ao culto aos mortos vem sendo cada vez mais utilizado como lugar de turismo e espaço educativo. O hábito de ministrar aulas específicas utilizando o espaço cemiterial é atividade pedagógica recorrentemente praticada entre docentes e, de modo particular, na Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais. Esta ação educativa vem se realizando através do trabalho de docentes em disciplinas diversas que são ministradas para os cursos de Design Gráfico, Design de Produto, Design de Ambientes e Licenciatura em Artes Visuais. De fato esse uso do cemitério como um espaço não formal de educação vem se consolidando há mais de 17 (dezessete anos), na medida que grupos de estudantes de diversos níveis acadêmicos são convidados a participar de incursões pedagógicas, propondo a reflexão sobre a história e a relevância no tocante à preservação da cultura material e imaterial que envolve aquele lugar.

Durante os anos de 2010 a 2012 as visitas foram coordenadas pelas docentes Marcelina das Graças de Almeida e Patrícia Pinheiro, pois faziam parte do currículo das disciplinas “Espaços Museográficos” e “Fatores Filosóficos e Culturais I”, respectivamente. O objetivo destas visitas era, para além da coleta de material e investigação acadêmica, a promoção da educação patrimonial. Na realidade ao se pensar sobre esta questão o aspecto central é se pensar novas modalidades de compartilhar os estudos históricos, sociológicos, artísticos e, em consonância com a pesquisadora Pinheiro (2010, p.145):

Pensar o ensino de História é aprender, é criar possibilidades de saber, conhecer, fazer, viver juntos e se ser mais humano. Uma relação de ensino-aprendizagem que construa e pense a sala de aula como espaço privilegiado para perceber tensões, disputas, mas acima de tudo, como um campo de possibilidades para discutir e construir saídas de forma inteligente, criativa, planejada.



É a partir desta perspectiva que as visitas orientadas se constituíram como momento de ensino-reflexão e concomitantemente oportunizando o debate sobre os sentidos assumidos pelas questões que perpassam a ideia de patrimônio, conservação e proteção.

Atualmente as visitas, com propósitos acadêmicos, são coordenadas pela docente Marcelina das Graças de Almeida e desde o segundo semestre de 2012 e passaram a ser ofertadas à população belorizontina em sua totalidade. A proposta é conscientizar e ampliar o debate social acerca das noções que são discutidas no espaço acadêmico, mas que devem e podem ser ampliadas para a sociedade em civil, em geral. Cabe aqui, destacar o argumento da investigadora Pinheiro (2010, p.154), “A educação patrimonial é elemento a ser considerado no processo de salvaguarda das referências culturais.”, ou seja é necessário que:

[...] os educadores assumam esse compromisso e criem possibilidades de trabalhos teóricos e de campo para auxiliar a comunidade no processo de interlocução com a memória, com os lugares de memória, com a história local. É preciso despertar as populações para a percepção e valorização de lugares, de saberes, de celebrações, por meio de apreensões visuais dos bens da comunidade.

E é neste sentido, nesta vertente da educação e educação patrimonial e interlocução com a comunidade externa à academia que se consolidou o projeto de visitas ao Cemitério do Bonfim. Desde junho de 2012, foi selado um acordo entre a Universidade do Estado de Minas Gerais, a Fundação de Parques Municipais e o Instituto Estadual de Patrimônio Histórico e Artístico, cujo intuito era promover a visitação, para além do público acadêmico, àquele espaço. A primeira visita foi agendada para o dia 24 de junho e a divulgação foi realizada através das redes sociais. Mais de 30 (trinta) inscritos se dispuseram a participar do evento, movidos pelo desejo de conhecer o cemitério, explorando sua história e acervo. Desde essa data, as visitas estão sendo realizadas de forma constante e sistemática, sempre contando com um número significativo de participantes revelando a importância desta ação.

Foram traçadas as condições para realização da visita e produzido um folder impresso e no formato digital que foi divulgado nos espaços públicos, bem como nas redes sociais, com o intuito de alcançar o maior número possível de público interessado e diversificado

A primeira visita foi bem recebida pela população, gerando, inclusive a necessidade de se abrir uma agenda com mais datas que pudessem atender à demanda gerada através da proposição das atividades, posteriormente foi confeccionado um calendário que pudesse ser cumprido durante o segundo semestre de 2012.



Fig.1 Folder para divulgação da primeira visita guiada

Visita guiada ao Cemitério do Bonfim



Arte



História



Memória



Folclore

Venha conhecer este museu a céu aberto e descubra os mistérios de sua construção e o significado de suas obras de arte.

24 de junho,
Domingo, às 9h
Rua Bonfim, 1.120

VAGAS LIMITADAS

Inscrições pelo telefone 3277-5398
ou pelo e-mail: agendaparques@pbh.gov.br




Fonte: Produzido em parceria com o setor de comunicação da Fundação de Parques Municipais.

Para se ter uma noção do fluxo de visitantes participantes das atividades educativas e culturais em relação ao Bonfim, confira o quadro 1.

Quadro 1 – Fluxo de visitantes ao Cemitério do Bonfim – Visitas Guiadas, 2012

MÊS	NÚMERO DE VISITANTES
Junho	35
Julho	25
Agosto	25
Setembro	13
Outubro	23
Total	121

Fonte: autoria própria

O quadro 2 expõe o fluxo de visitantes durante o ano de 2013, as datas foram previamente definidas com a equipe da Fundação de Parques Municipais e, inclusive passaram a fazer parte



do calendário cultural da BELOTUR, Empresa Municipal de Turismo de Belo Horizonte. Na ocasião da definição das datas foi aberta a possibilidade de se incluir o mês de novembro, uma vez que a demanda assim o exigiu e houve, também, o aumento do número de oferta de vagas, passando para 40 (quarenta). Analisando os números constantes nos quadros, nota-se que, embora, haja uma variação de público em alguns meses, comprova-se a participação constante e o interesse permanente do público na atividade.

Quadro 2 – Fluxo de visitantes ao Cemitério do Bonfim – Visitas Guiadas, 2013

MÊS	NÚMERO DE VISITANTES
FEVEREIRO	08
MARÇO	18
ABRIL	18
MAIO	55
JUNHO	16
JULHO	16
AGOSTO	26
SETEMBRO	13
OUTUBRO	21
NOVEMBRO	29
TOTAL	220

Fonte: autoria própria

Para o ano de 2014 foram definidas as datas, sempre contando com a parceria com a equipe da Fundação de Parques Municipais e também, preparado o folder de divulgação do evento, bem como o material para entrega aos visitantes, no qual são encontradas informações sobre a história do espaço a ser conhecido, um mapa e roteiro simplificado para auxiliar a mobilidade do visitante, além de orientações simplificadas sobre a manutenção e cuidados com os túmulos e seus ornamentos.

Desde o início do projeto até a atualidade é possível afirmar que muitas coisas mudaram, em relação ao Cemitério do Nosso Senhor do Bonfim e é permitido destacar:

- 1- O crescente interesse da população no tocante à participação nas visitas.

- 2- O crescente interesse dos meios de comunicação pelas atividades e, portanto a divulgação em jornais e revistas impressos e eletrônicos, bem como na mídia televisiva.
- 3- O interesse dos proprietários de túmulos para o cuidado e zelo em relação às suas propriedades.
- 4- A promulgação da Lei 10.655/2013, em 03 de setembro, pelo Prefeito Márcio Lacerda, transformando o Cemitério do Nosso Senhor do Bonfim em ponto turístico.
- 5- A confecção do folder educativo em parceria com a Fundação de Parques Municipais, Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico e Universidade do Estado de Minas Gerais, no qual estão inseridas informações sobre o cemitério, um mapa para que o visitante possa se orientar e indicações sobre os cuidados se deve ter em relação ao cuidado com os túmulos.
- 6- O investimento do poder público municipal, através da administração do cemitério, no sentido de cuidar da limpeza, colocação de lixeiras em pontos estratégicos, revitalização dos jardins e disponibilização das chaves do prédio do antigo necrotério para que o mesmo seja visitado pelos turistas.
- 7- Para dar sequência às pesquisas em relação ao cemitério 02 bolsas de iniciação científica foram aprovadas durante o ano de 2013. Uma delas financiada pelo Programa PAPq (Programa de Apoio à Pesquisa) da Universidade do Estado de Minas Gerais e outra pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). As pesquisas foram concluídas e durante o ano de 2014 mais duas bolsas de iniciação científica foram aprovadas e foram executadas, uma do Programa de Apoio à Pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais e outra da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais.

Quadro nº 3 Fluxo de visitantes ano 2014

MÊS	NÚMERO DE VISITANTES
FEVEREIRO	39
MARÇO	24
ABRIL	43
MAIO	23
JUNHO	22
JULHO	13
AGOSTO	20
SETEMBRO	24
OUTUBRO	12



NOVEMBRO	27
TOTAL	247

Fonte: autoria própria

Fig. 02 Folder da divulgação das visitas ano 2014

**Visita Guiada
Cemitério
do Bonfim**

História, Arte,
Memória e Patrimônio

Venha conhecer esse museu a céu aberto e descubra os mistérios de sua construção e o significado de suas obras de arte.

As visitas têm início às 9h e ocorrem uma vez por mês, aos domingos.

CALENDÁRIO DE VISITAS				
23/02	30/03	27/04	25/05	29/06
27/07	31/08	28/09	19/10	30/11

VAGAS LIMITADAS
Inscrições pelo telefone 3277-5388
ou e-mail: agendaparques@ph.gov.br
Rua Bonfim, 1.120

Baixar o aplicativo do Cemitério do Bonfim.
Disponível para Android.

Fonte: Produzido em parceria com o setor de comunicação da Fundação de Parques Municipais.

- 8- Para este ano de 2015, foi definido o calendário das visitas e o projeto tem se fortalecido, principalmente como consequência do interesse da sociedade em sua generalidade.

Fig.03 Folder de divulgação das visitas ano 2015

Visita Guiada
Cemitério do Bonfim
História, Arte, Memória e Patrimônio
Venha conhecer esse museu a céu aberto e descubra os mistérios de sua construção e o significado de suas obras de arte.
As visitas têm início às 9h e ocorrem uma vez por mês, aos domingos.

Calendário de Visitas 2015:

22/02	29/03	26/04	31/05	28/06
12/07	30/08	27/09	25/10	29/11

Inscrições pelo telefone 3277-5398
ou e-mail: agendaparques@pbh.gov.br
Vagas limitadas!
Rua Bonfim, 1.120
Linha de ônibus 4114 - Bonfim



Fonte: Produzido em parceria com o setor de comunicação da Fundação de Parques Municipais.

Para além da manutenção das atividades de condução e conscientização da importância das visitas é necessário:

- 1- Ampliar o atendimento aos visitantes, especialmente as escolas.
- 2- Treinar e qualificar monitores que possam auxiliar na condução das visitas.
- 3- Propor oficinas para qualificar os funcionários, guarda municipal e administradores do cemitério.
- 4- Realizar obras de conservação e restauro no prédio do necrotério, uma vez que o mesmo tem sido mantido fechado e, apesar de ser o único bem tombado, no cemitério, pelo patrimônio histórico, desde 1977, não vem sendo utilizado da maneira como deveria. Entende-se que, tem sido construído, em 1895, para ser o necrotério, em um espaço laico, sendo esta a característica peculiar do Cemitério do Nosso Senhor do Bonfim, deve sofrer intervenções que permitam sua utilização da maneira mais democrática possível. Está sob análise a construção de um projeto a ser conduzido pelos graduandos do curso de Design de Ambientes da Escola de Design, um projeto para transformação do espaço em um Centro de Memória do Cemitério do Nosso Senhor do Bonfim, onde se possa realizar palestras, receber os visitantes, exibir filmes, propor debates e ao mesmo tempo seja um ponto de apoio turístico.
- 5- Foi proposto pela bolsista de pesquisa de iniciação científica o planejamento visual do Cemitério do Bonfim e tendo sido apresentado aos órgãos competentes para que possa



ser efetivado e facilite a mobilidade e compreensão do espaço pelos visitantes, funcionários e usuários do lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As visitas realizadas no espaço do “Bonfim” integram e proporcionam a construção de identidades, auxiliam a construção do pensamento e ação no tocante à preservação e políticas de tombamento e a necessidade de se refletir, de maneira concreta acerca do cuidado com a memória coletiva, bem como da memória individual.

Através do projeto de extensão tem sido permitida a inserção do cemitério do Bonfim no espaço cultural, artístico e turístico da cidade destacando o relevo dessa iniciativa que, concomitantemente, destaca-se como atividade pedagógica educando para o futuro, pensando sobre o passado e estimulando, no presente, as iniciativas para a preservação, ou seja, estimula o olhar perceptivo e crítico para o significado dos bens culturais que compõem a trama social.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marcelina das Graças de. **Morte, Cultura, Memória: Múltiplas Interseções** – Uma interpretação acerca dos cemitérios oitocentistas situados nas cidades do Porto e Belo Horizonte. 2007. 404 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.
- _____. **Fé na Modernidade e Tradição na Fé: a Catedral da Boa Viagem e a Capital**. 1993. 138 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.
- _____. A Catedral da Boa Viagem: Fé, Modernidade e Tradição. In: DUTRA, Eliana de Freitas (org.) **BH Horizontes Históricos**. Belo Horizonte: C/ARTE Editora, 1996.
- _____. Belo Horizonte, Arraial e Metrópole: memória das artes plásticas na capital mineira. In: RIBEIRO, Marília Andrés e SILVA, Fernando Pedro da. (org.) **Um Século de História das Artes Plásticas em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Editora C/ARTE / Fundação João Pinheiro / Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1997. Coleção Centenário.
- _____. O Cemitério do Bonfim: a morte na capital mineira. **LOCUS Revista de História**, Juiz de Fora, n. ° 2, v. 4 , 1998, p. 131 – 142.
- _____. Memórias, lembranças, imagens: o cemitério. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXX, n.1, p.105-122, junho 2004.
- _____. O cemitério do Nosso Senhor do Bonfim: controle e ordenação da morte nos primórdios da capital mineira. **Revista Eletrônica do Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte**. Belo Horizonte, n° 1, v. 1, 1ª ed, p. 26-58. Disponível em: <<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/noticia.do?evento=portlet&pAc=not&idConteudo=106177&pIdPlc=&app=salanoticias> > Data de acesso: 15 de maio de 2014.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação** Formas e transformações da memória cultural. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2011.



AZEVEDO, Flavia Lemos Mota de, PIRES, João Ricardo Ferreira e CATÃO, Leandro Pena. (org) **Museu Cidadania, Memória e Patrimônio** as dimensões do museu no cenário atual. Belo Horizonte: Crisálida Livraria e Editora, 2009.

BARRETO, Abílio. **Resumo Histórico de Belo Horizonte (1701-1947)**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1950.

BESSA, Altamiro Sérgio Mol. **Preservação do Patrimônio Cultural**: nossas casas e cidades, uma herança para o futuro. Belo Horizonte: CREA-MG, 2004.

FLORENCIO, Sônia Rampim e outros. **Educação Patrimonial**: histórico, conceitos e processos. Brasília: IPHAN, 2014.

GRUNBERG, Evelina. **Manual de Atividades Práticas de Educação Patrimonial**. Belo Horizonte: IPHAN, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, Editora da UNICAMP, 1990.

PELEGRINI, Sandra C. A, NAGABE, Fabiane e PINHEIRO, Áurea da Paz. **Turismo & Patrimônio** em tempos de globalização. Campo Mourão: Editora da FECILCAM, 2010.

PINHEIRO, Áurea da Paz e PELEGRINI, Sandra C. A. (org.) **Tempo, Memória e Patrimônio Cultural**. Teresina: EDUFPI, 2010.